

HÍBRIDOS



MOISÉS CRIVELARO



HÍBRIDOS



O Centro Cultural Câmara dos Deputados é responsável pela preservação do acervo museológico da Câmara dos Deputados e pela realização das ações culturais que ocorrem na instituição, como exposições artísticas e históricas e eventos literários.

Além de promover as culturas regionais e a produção artística contemporânea nacional, o Centro Cultural atua na preservação da memória da instituição e na história do Poder Legislativo. Idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Palácio do Congresso Nacional abriga obras de artistas brasileiros renomados da segunda metade do século XX, como Di Cavalcanti, Athos Bulcão e Marianne Peretti.

Com o intuito de viabilizar a diversidade e a qualidade das exposições realizadas pelo Centro Cultural, todos os anos promovemos um edital público para a seleção das mostras artísticas e históricas que ocuparão, no ano subsequente, os espaços destinados aos eventos culturais. As propostas apresentadas são avaliadas por uma Comissão Curadora e, desta forma, o Centro Cultural proporciona a artistas e curadores de todo o Brasil a oportunidade de apresentar seus trabalhos em áreas da Câmara dos Deputados onde há grande circulação de visitantes de diversas partes do país, propiciando o exercício e a promoção da cultura e da cidadania.

HÍBRIDOS

Moisés Crivelaro

Todos os sábados à tarde passávamos lá em casa. Um certo desses aí qualquer não foi diferente. Mas orientou-se especificamente *loko*. Todo mundo junta e misturada. Simbiose total, grande tronco, muitos galhos, fragmentação e união simultâneas. Com aquela energia boa de fim de semana, quando se preocupa menos com quem se deve ser e se foca mais no que se quer fazer. Uma mistura densa e nada harmônica de sorrisos a abrir, descansos a folgar, festas a celebrar, leveza a suavizar e otimismo a confiar. Geral querendo assinar a própria carta de euforia. Quase uma corrida hedonista contra o tempo funcional. Sempre o tempo, né? Será mesmo um dos deuses mais lindos?

Os corpos cantavam plenos, até que, do nadamente, quando menos se esperava (mesmo porque não se expectava nada, tipo o contrário do que fazemos usualmente na vida), todo mundo se acometeu em uma discussão acalorada sobre ser, crer, viver, imaginar e agir. Bem depois fomos sacar que, talvez, o estopim disso possa ter sido quando o Rodrigo puxou, de maneira desavisada e espontânea, uma versão pique década de noventa de uma melodia do Almir Guineto. Mãozona suja de limão (era pra fazer caipirinha, receita caseira de antisséptico ou marinar berinjela para quitutes delícia? Sei não. Acho que no final dá na mesma, né?!), pano de prato ensebado no ombro nu, peito cabeludo para game, ele cantarolava "...ter e sempre acreditar... princípio, meio e fim... a hipocrisia vai vencer... vou sorrir para você... será uma festa em meio ao caos...".

Juntas, sempre juntas, porém, foi o necessário para uma revolução de discursos no microcosmos do babado hedonístico da garotada. Tudo acoplado, misturado, remixado e hackeado. Percebíamos as linhas guias daquele papo amalgamado quando alguém botava uma fala grandona sem medo: voz projetada e braços apaixonados na histeria do argumento. Ou quando, entrecortados por silêncios fugazes, alguém recebia o prêmio de iniciar uma fala bem no adequado segundo após outro alguém ter finalizado a anterior.

A resposta para nenhuma pergunta veio logo do Eduardo, que trabalha muito longe, mas está sempre aí, na correria do rapé e no amor pelo coletivo. Ele, então, meteu duas pedradas estilo DJ Cleiton Rasta cabeça de gelo no frisson da rapeize. Disse primeiramente "fico de cara como, toda vez, o tempo é colocado como mais importantão e o espaço come bola. Ninguém comenta que isso é só mais uma estratégia do hõmi querendo homificar tudo. Pelo menos, desde quando os fita com nomes de tartaruga ninja faziam arte". Ele estava delineadamente bolado. Mas a ideia era boa, apesar de mega bláster diferentona. Galera parou para ouvir com cuidado, mesmo sem cessar de torcer a cara enquanto ele falava. "Se pegarmos o que o Ema-

nuel, o Jorge-Frederico, o Henrique, o Martín e o Walter – isso para sermos bem sintéticos na citação de geralzinha – deram de ideia sobre a life como ela deve ser, cem por cento das cem por cento das vezes o tempo tá lá, todo gato. O espaço sempre escorre, sobrando para o pagão, o primitivo, para o diferente, o outro do outro. Ou seja: nós mêm. Talvez tenha chegado o momento em que teremos que modificar o vencimento e a duração do próprio decurso das coisas”.

Será estranho dizer isso, contudo, Eduardo estava em um momento que parecia só dele. Preocupado exclusivamente em passar a ideia, olhão arregalado, dificuldade de escutar conversinha paralela, focado na missão. Continuou misturando críticas ao messianismo judaico cristão a desastres ambientais e ao violento descalabro na ideia de colonizar Marte. Ou seja: difícil, mas importante. Nível Eduardo mesmo. Se tivesse alguém redpillizado ali, já se borrifava espontaneamente para alguma casa de nargas. Para ouvir eletrônico e não pensar em nada. Não que isso esteja errado. Palmas para o eletrônico, vivas para o nargas. Entretanto, são curadorias de vida, e o papo do Eduardo não privilegia muito esses exemplos.

Quando já estava quase toda a galéte interessada em bate-papos correlatos, ou em flertezinhos despreziosos – que surgem direto em situações como esta, onde se mistura assunto sério com coletividade, paixão, conhecimento e vida pulsante –, eis que o Eduardo arremessa a segunda manifestação. “Quem relativiza viaja que cada cultura pode ser um mundo nela mesma. Já quem

universaliza lombra que a cultura vem de uma vibe humana geral e faz parte indissociavelmente da natureza. Relativistas pensam que culturas não são comparáveis entre si, mesmo que pelo viés de seus detalhes. Universalistas afirmam, em contrapartida, que culturas devem ser comparadas pela matriz da suposta natureza em comum que a tudo engloba”. Ele estava conseguindo a atenção de muita gente no frevo, novamente. Contudo, quando vi, o peão já estava montado em pé na mesa de centro, falando e tentando fitar o rostinho lindo de cada figura ali presente.

Tomamos um susto! Agarramos o antebraço da figura mais próxima – sem nem saber quem era – em um rompante de ação e pensamento que gritava na nossa cachola algo como “mulher, olha esse Eduardo babadeiro dando o nome, espero que isso não fique ruim!”. Foi um misto de surpresa, arrebatamento e alegria, com uma leve pitadinha daquela sensação de zelo, específica das avós quando elas chamam atenção para o milenar “cuidado, gente! Imagina se pega no olho!”. Daí, Eduardo seguiu brilhando. “Isso, então, é um diálogo de gente que só fala e não escuta, pois essas pessoas, a meu ver, não partilham o mesmo conceito de natureza ou de cultura. Talvez nem o mesmo conceito do que é existir enquanto sujeito esse pessoal quinhoe. Universalistas pintam uma versão escabrosa do que seriam os relativistas, se é que essa rodinha realmente exista na fila do pão. Às vezes, acho que a turma relativista seja só uma projeção do que a patota universalista pensa que seja uma pessoa

relativista. Como um espantalho da direita ontológica que aparece sempre quando alguém tem que receber culpa, demérito ou responsabilidade.”

Aí já viu, né? Quando ele lança a brabona “direita ontológica”, o teto quase vem a baixo. Geral gritando, dizendo que discorda, inventando umas citações crazy do nada. Muita gente dizendo que o Dud’s estava sendo generalista, que não podia tachar dessa maneira, que a amizade ia acabar e tudo mais. Rompantes de violência na iminência de acontecer. Um amigo nos disse certa senda que, para um título dar bom, ele teria de mostrar Pathos, Logos e Ethos. Pois tinha tudo isso acolá, mais umas pitadas de caos contemporâneo Vol. III – o retorno dos que nunca foram.

Bizarramente ficou comprovado, ali mesmo, naquele instante, ou melhor, para endossar a fala do Eduardo, bem naquele lugar, que estávamos em um ajuntamento bastante polarizado.

Se identificaram, né?

Então, sabem?

Bem polarizadas.

Todas as pessoas que lá estavam.

Tal qual, porventura, sempre tenhamos sido, né? Desde o princípio das historicidades que se prestaram a contar histórias sobre o início do mundo a partir de enredos acerca do começo das coisas, morô? Como diria a galera, “das anta”.

Enquanto tentávamos mediar, entender, deglutir, participar e sobreviver a tudo aquilo, sussurrava na cabeça o poema do parça Maximiliano galego; o Ferreira dos Ferreiras e Pereira dos Pereiras, que diz assim “... não precisa falar, nem saber de mim. E até pra morrer, você tem que existir. Não precisa falar, nem saber de mim. E até pra morrer, você tem que existir. Nasceram flores, num canto de um quarto escuro. Mas eu te juro, são flores de um longo inverno. Nasceram flores, num canto de um quarto escuro. Mas eu te juro, são flores de um longo inverno”. Quando percebemos, já estávamos todynhos arrepiados e completamente ali. Nos achando e nos perdendo, completamente apaixonadas pelo fluxo do tipo de vida que só acontece em movimento. A vida real, com tretas, trutas, angústia, problemas e outras milhares de características. Mas nunca com anistia, pois é obrigatório fazermos nossos lutos, entendermos as violências. Nossas e dos outros, repará-las para não as repetir. Né isso? Ainda confusos por todo o contexto e pilhados no papo que o Eduardo dava, little invejamos o interlocutor do abacateiro, por compreender os meses, sabores e sabores que tanto o tamarindo quanto a manga podem vir a ter.

Seguimos então vendo Duduzão metendo marcha. Celebrando o ápice da sua fala trazendo o saudoso Egídio das raízes, lá da terra das lanternas – que falta aquele fita faz – dizendo o seguinte: “Todo relativismo truezêra, né mundo invertido do stranger things não, aquele pã mêm, é um tipo de perspectivismo. E, como o Egídio disse,



o relativismo efetivo não proclama a relatividade da verdade, mas endossa os aspectos reais do relativo. O relativista real oficial participa da relação, da reciprocidade, da pertença”. Nessa hora foi esquema flato no elevador: a zoadá parou de repente e só dava pra ver os semblantes atordoados da turminha refletindo pesadamente sobre o que tinha sido desenhado naquele território de coexistência. Daí, para abufelar de vez, soltar a bomba de fumaça e sair cambalhotando Jackie Chan style do baile, Eduardo concluiu: “O zé treta que é contra os ideais da competência coletiva será sempre a figura absolutista. Como lembrava o Brunim, lá do aterro da meiuca: o oposto do relativista é o absolutista. Aquela pessoa da onda errada, do separado, do em-si. Praticamente o comédia egoistão”.

Pronto!

Daí só sobrou gente mastigando a própria boca. Todo mundo bicudo murmurando contrariado. A roda até deu uma espalhada. Com atenção e concentração até se podia recortar uma ou outra fala. Tentar pinçar as verbalizações do que poderiam ser reações espontâneas, logo após aquele momento catártico Vida Loka Pt. 2. Alguém resmungou assim “é... esse mundo não aguenta mais tanta gente individualmente sabida”, quase simultaneamente outra pessoa pigarreava enquanto falava “possivelmente não daremos conta se não nos misturarmos”.

“Possivelmente não daremos conta se não nos misturarmos”.

Sabe quando, de alguma forma certa, mas desavisada, o comentário bate? Quando não conseguimos precisar de onde ou quando veio, só sabemos apontar que chegou, viu e venceu algo em nós. Sabe? Então, foi assim. Essa questão toda de possivelmente não conseguirmos individualmente. Inquirição sobre coletividade. A ideia da mescla, associada à fala do Eduardo, à balbúrdia. Reflexões sobre natureza, cultura, ciência e afins. Tudo isso nos deu aquela intuição que tem nome de banda de forró: de que já tínhamos vivido aquilo e que por isso, tínhamos conhecimento de causa. Era só partir para a decisão, para a realização, claro que teoricamente, né?

Então, arrancadas pela comoção de que o coletivo é, sim, muito maior que o individual, ruávamos para um momento abraço-coletivo-bora-ouvir-Enya-e-sermos-felizes. Quando uma figura paradigmática começou a, lentamente, seccionar a sala em meio à muvuca. Em passinhos empaticamente ritmados, pezinhos se encaixavam, ora se arrastando ora se suspendendo. Como em uma marcha sem militarismo, os joelhos arqueavam em angulações milimetricamente equidistantes. Quadril seguia em fluxo para a frente, linha reta, objetividade. A mão direita espalmada sobre o plexo e a esquerda projetada para a frente, na ponta do antebraço espetado para trás. Como se tomasse o mundo não visível para dançar agarradinho. Naípe Helena Blavatsky meets reggae bailado no Maranhão. Charlate na orelha e revolução pelo amor, meu biscoitinho recheado! Edson Gomes, presente!

Porque tem um outro percurso importante que poderia ser aberto aqui, mas não o faremos, evitando outra hecatombe de ideias: a revolução pelo chamego. Aquele ponto o qual Paul McCartney não conseguiu materializar, não se aproximou o bastante de nós para isso. Já pensou? O Macca véio de guerra com um julietzinho audaz, lente encarnada naquele rostão de Sir, se colocando na frente do paredão de som, camisa clichê estampada com os botões abertos até o umbigo, quadril desassombrado e – que nem outro Paul, o nostálgico Paulinho César dos Santos – amando e gritando para todo mundo ouvir “and, in the end, the chamego you take, is equal to the chamego you make”.

Todavia, como não seguiremos por essa via sem fim do amor cremoso, voltemos à cena que se desenrolava no nosso ambiente. A pessoa cortou todo o recinto em meio à garotada, dançando, girando, murmurando e sorrindo. Aquela exemplar alegria de viver fatalista sendo aspergida aos jorros por cada poro. Dignidade na sapiência da amabilidade de poder ser feliz e continuar. Só continuar. Independentemente do que pudesse acontecer. Ao chegar na fronteira com a mesa de centro, calmamente escalou o tampo, tomando Eduardo gentilmente pela mão. Aí todas vimos que se tratava de ninguém mais ninguém menos que Dorinha, claro! Só podia ser ela. Toda trabalhada na consciência, na história e na luta dos assuntos que realmente importam. A mais notável torcedora compósita do Santa Cruz e do Internacional de Porto Alegre que poderia existir nos multiversos frequentados por Miles Morales.

Pois assim, já protagonizando toda a cena e confiscando a completa atenção do integral grupo presente, em um abraço dinâmico, certo, acalorado e definitivo, ela capturou a existência de Eduardo. Sussurrou em seu ouvido uma sentença que ecoou grave na sala inteira. Parecia Cr1st0f4n1a - Old_Testament.XXX - E04S01.torrent. À vista disso, gatunou também a essência de cada figurinha que estava ali, tarimbada ou não, com sua voz potente que mais parecia ser ouvida pelo tímpano da mente de quem presenciou o fato. Dorinha cantou “o que eventualmente acontece quando organismos, ambientes, paisagens, formas de vida e lugares já não conseguem ser lembrados por conta das exatas mesmas razões pelas quais as pessoas enalacradas com o nome sujo no Serasa do Ocidente não conseguem mais se enxergar como indivíduos ou sociedades repletas de sujeitos nas histórias exclusivamente humanas? Acontece que elas podem vir a já não mais saberem participar do conceito que acreditam ser a efetividade de amar. Vão chorar, vão sofrer e elas não merecem, mas isso pode vir a acontecer, como em uma música. Pois os corações poderiam se tornar frios, e a terra como ninho de existência se tornaria vazia. O que importa verdadeiramente, então, portanto, contudo e todavia, é nos atentarmos em quais histórias estão contando as histórias ditas pertinentes; quais conceitos têm pensado e estruturado os conceitos utilizados, matemática, visual e narrativamente; quais figuras estão figurando o que se entende como estruturas e quais sistemas vêm sistematizando o que, forçosa e automaticamente, levamos a cabo entendendo como sinônimo de vida”.

Ou seja: Dorinha deitou o cabelo.

Logo, só se via no horizonte o brilho cintilante do cogumelo impetuoso, renovador e vigoroso. Não o atômico, mas o fúngico, que revela as infinitas redes de relações e agregações heterogêneas, possíveis e impossíveis postas e vistas. Assim, parecia que vinha um dia amanhecendo bem lá no alto de qualquer sensação de paixão que poderia se ter. O tempo se deixando visualizar ruindo e empreendendo procuras, buscas, jornadas e qualquer atividade convulsiva pelo fim da solidão. A consciência iluminou a mente, que por sua vez alumbrou os olhos e assim se viram mundos. O silêncio reinou. A dinâmica cessou e o movimento arrefeceu. A fala de Dorinha fez a humanidade inteira se calar e se aquietar. Então, quando todas notamos e nos atinamos, após um choquezinho na espinha, estilo quando se sonha que está caindo e se acorda em um rompante sustinho altamente fragilizatório e tremelizador, a verdade tinha triunfado.

Nossas penas, peles, escamas, garras, pelos, ventosas, couraças, caudas, patas, músculos, exoesqueletos, rugas, unhas, saliências, orifícios, lóbulos, presas, esporos, folhas, folículos, caules, óvulos, pregas, sementes, raízes, ossos, flores, dentes, brânquias, olhos, antenas e carapaças estavam unidas.

Uma.

Éramos.

Uma.

Éramos uma.

Só.

Éramos uma só.

Como uma grande e sortida esfinge. Pudemos existir plenamente em toda a sistemática estrutura dos nossos próprios enigmas. Independentemente do segredo ou do perjúrio, da pena ou do perdão. Saímos, afinal, da circunscrição simples, mas milenar do binômio. Vencemos a dissemelhança e caminhamos pela concórdia. Eu te vi ali, em mim, no mesmo momento que você me mirou, aqui em você. A origem virou fim e tomamos o shake dessa mistura. Dobramos o tempo, espocamos o espaço. Todos os sábados à tarde passávamos lá em casa. Um certo desses aí qualquer não foi diferente. Deu-se aí a importância de fundir. Os universos se fizeram em nós híbridos.

Referências bibliográficas:

HARAWAY, Dora. *Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press, Durham and London, 2016.
RIBEIRO, Darcy. *Encontros: A arte da entrevista*. Apresentação Guilherme Zarvos. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007.

Fotografia: Jean-Pierre Estelle / Jumps



Girassóis
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m²
59,4 x 42 cm
2017





Fotografía: Jean Peiretti, Estudio 7mm3

Terra-lingua-roxa
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2019

Fotografía: Jean Peiretti, Estudio 7mm3



Contas y conchas
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m²
59,4 x 42 cm
2018



Fotografia: Juan Pelaez. Estudio Juan13

Onda permanente
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m²
59,4 x 42 cm
2018

Crivelarus, a ilha dos híbridos fabulosos

O sonho é um ornitorrinco.

E a pele do sonho é desenho.

Há uma ilha chamada Crivelarus. Cravar e velar, esse último infinitivo que sempre é convite ao inverso: revelar, tornar visível. Um nome onde o crer também está implicado, o dessa ilha: criar as coisas incríveis.

É por isso que seus habitantes são chamados de híbridos fabulosos. No princípio, só havia escuridão, e ela era completamente branca: imagina uma folha de papel onde ainda não se inscreveu o primeiro traço. Depois, a Fabulação quis se olhar no espelho, e, para tanto, pediu à Verdade que entornasse suas águas salgadas sobre o que era vazio e sem fundo. Esse é o Mar da Imaginação, onde fica a ilha. São incontáveis arquipélagos. Na verdade, as ilhas de que falo são todas ilhas dentro de um lago em uma ilha dentro de um lago em uma ilha no Mar da Imaginação.

Toda vez que a Fabulação se olha no espelho da Verdade, uma ilha nova se forma. E com ela, novos habitantes. Em Crivelarus, os híbridos fabulosos vivem a lei natural do oximoro: tudo ali é duplo contrastante, mas convergente, ou simbiose semovente, e há uma estranha harmonia porque ninguém conhece a palavra “oposto”. Não se sabe qual híbrido nasceu primeiro, se foi o *anfitaurus* ou o *delphinus lepidopterus*, ou, ainda, o ensimesmado e melancólico mustelídeo passeriforme. De todo modo, não existe cronologia nessa ilha, e tentar datar a gênese de cada espécie é tarefa besta, porque espaço e tempo nos arquipélagos da Imaginação também são ordens híbridas, ou melhor: um vapor ondulante que perpassa o olho de quem os sobrevoa, e gera um efeito de suspensão do aqui e do quando.

Eu entrei nessa ilha. Quando? Terei saído, um dia, da ilha? Como?

(Ela segue no meu próprio mundo insular, como um cartão postal de um lugar remoto aonde a gente pretende voltar um dia).

Léo Tavares

Artista visual e escritor



Fotografía: Juan Peñero, Estudio Zumbi

Emissário lambe sarjetas
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m2
59,4 x 42 cm
2019



Fotografía: Juan Peñero, Estudio Zumbi

Ombros de bússola
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m2
59,4 x 42 cm
2019



Fotografia: Juan Puentes, Estudio Num13

Sra. Cara na Quina
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2019

Fotografia: Juan Puentes, Estudio Num13



Correntes comprimidas
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m²
59,4 x 42 cm
2018



Fotografia: Jean-Pierre, Estúdio Zumbi

Roupa
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m²
59,4 x 42 cm
2018

Acompanhando o pensamento “O acaso é apenas a medida de nossa ignorância”, do matemático Henri Poincaré, podemos embalar nesse conceito e então elaborar sobre a arte sendo a ponte oportuna entre o nosso prosaico desconhecimento e o misterioso devir.

Em *Híbridos*, Moisés Crivelaro lança mão de recursos que esvaziam temporariamente o peso da nossa constante ignorância, compartilhando conosco, simples espectadores, a permissão de viver possibilidades fantásticas, mesmo usando caminhos dentro de uma linguagem técnica tão verossímil.

Em ciência, já é conhecido um padrão de que, ao se aproximar bastante, as formas e os movimentos são erráticos e indefinidos. No entanto, quando se traz a apreciação dos objetos para as distâncias comuns aos nossos sentidos, as formas são totalmente assimiláveis e manipuláveis. É exatamente dessa forma que essas canetas de Moisés se apresentam. Vistos de perto, seus traços são quase inconsequentes e despreziosos, mas quando colocados a uma distância confortável, os desenhos revelam o cuidado e a

acurácia com que foram feitos.

Mas a aplicação desse padrão (perto-confuso e longe-evidente) é só a forma, um instrumento para provocar diversas discussões sobre as misturas inusitadas propostas. A mescla dos bichos nessa exposição é mais que um presente aos olhos. Poeticamente podemos chamá-la de uma Cadeira a Alimentar a nossa imaginação. Um Filo condutor que desafia o Reino ao qual pertence e desafia a Ordem e o Habitat natural das cores. Inspirado por Famílias que não dependem de qualquer classificação de Gênero, Moisés Crivelaro suplanta a objetividade da linguagem científica para criar novas Espécies. Talvez seja um lembrete sobre a nossa inevitável proximidade por estarmos vivos e inseridos no mesmo ciclo do carbono. Todos condenados ou agraciados pela habilidade da respiração. Ou então, a Importância de Fundir seja apenas uma piada do artista (assim como a de um famoso matemático) sobre o que ainda não conhecemos.

Tiago Miollo
Cantor e Compositor



Fotografía: Juan Peñero, Estudio Zumbi

A grama do esgoto
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m2
59,4 x 42 cm
2018



Fotografía: Juan Peñero, Estudio Zumbi

Tudo salta
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m2
59,4 x 42 cm
2018



Fotografía: Juan Peñero, Estudio Zumbi

Cambalhota
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m2
59,4 x 42 cm
2020

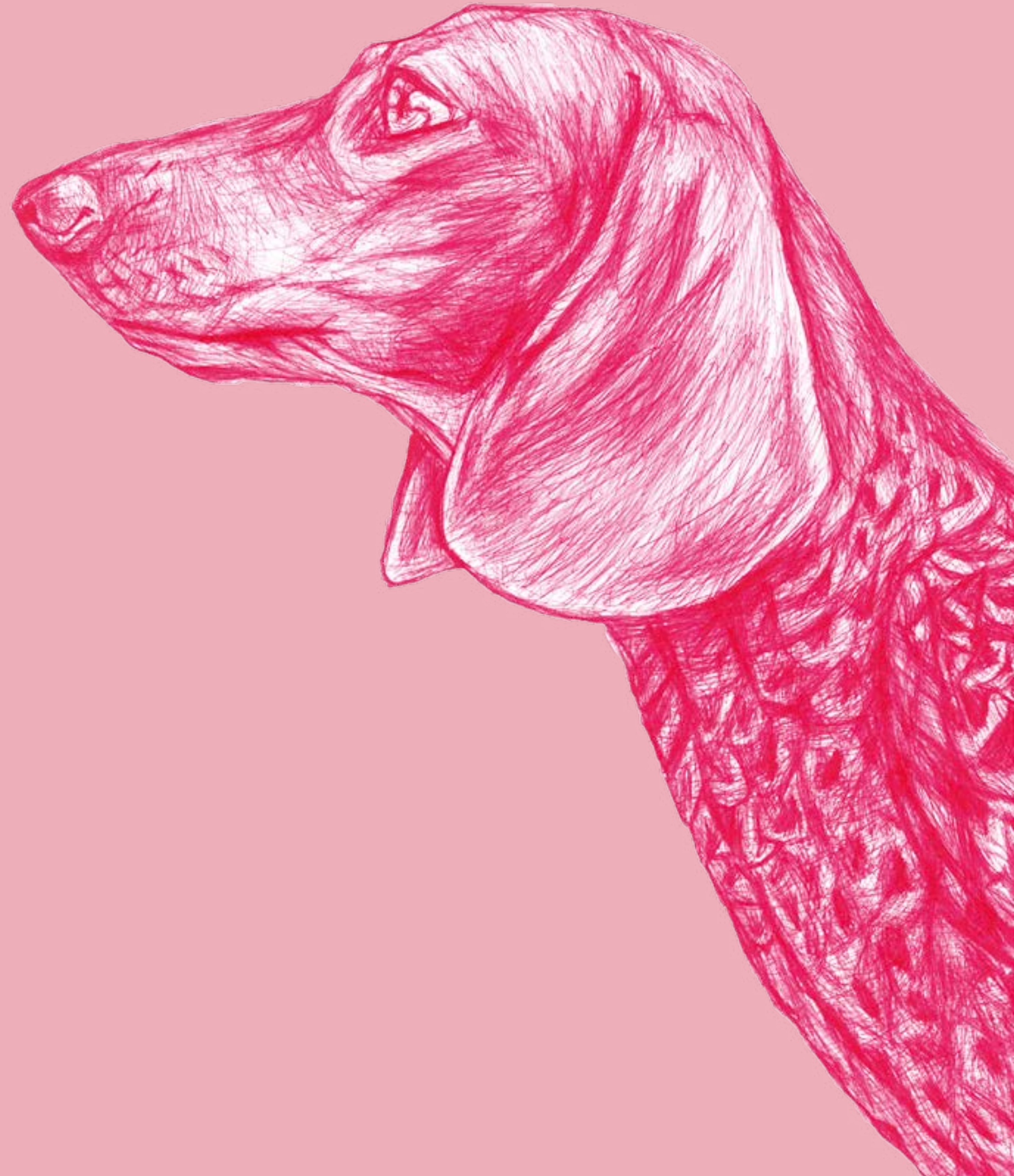


Fotografía: Juan Peñero, Estudio Zumbi

Ria
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m2
59,4 x 42 cm
2020



Fotografía: Juan Puentes, Estudio 7mm13



Quem dera
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m2
42 x 29,7 cm
2017

O quanto da alma de bicho há em mim?

Ao ver os animais do artista Moisés Crivelaro, sinto o quanto sua arte foi além do convencional. Construir imagens híbridas não é simplesmente compor uma terceira imagem da junção de duas já existentes. Para mim, vejo o quanto o artista vai além do óbvio e consegue colocar nas imagens uma forma de pensamento.

A criação desses seres é um universo de novas possibilidades e grandes mergulhos: no céu, na terra, no ar e nas águas de sua sensibilidade.

Ao ver as imagens, em um primeiro momento, fixo nelas, depois entro em um mundo mágico. Cada construção é um mundo de novos caminhos, tanto na imagem como na simbologia, na magia de cada traço feito pelo artista.

É como tecer um DNA para cada imagem, é um processo químico de cores: o traço vai dando forma a um novo ser. A partir daí, eles têm vida própria, todos são capazes de viver experiências que até então não eram possíveis.

O elefante pode voar, a joaninha pode latir, o golfinho agora tem asas de borboleta para lançar grandes voos, a borboleta pode entrar nas profundezas dos oceanos. A onça ficou leve com pernas de aves, a ave ficou valente com cara de onça. Enfim, toda essa química é um olhar para um novo mundo. Aqui, as diferenças não incomodam, simplesmente existem, assim é. Vejo esses trabalhos como um embrião, como um nascedouro de formas transversais de sentir o mundo. Ao olhar o trabalho de Moisés, sinto a riqueza de possibilidades de novos pensares. Também sinto um processo meditativo na construção da imagem. Uma vez que são imagens feitas com canetas Bic: traço a traço, o tempo é um senhor, aqui não há pressa. Esse é o ponto que põe a arte de Moisés em um lugar de fazer devagar, num mundo contemporâneo onde nos deixamos engolir pelo efêmero.

Loreni Schenkel
Artista Visual

Fotografia: Jean Puentes, Estúdio 7um13



Brancaleone
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m²
59,4 x 42 cm
2018





Fotografia: Jean Puentes, Estúdio Zumbi

Contemplação do que já chegou
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m2
59,4 x 42 cm
2019



Fotografia: Jean Puentes, Estúdio Zumbi

Punho Garnisé
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m2
59,4 x 42 cm
2020





Fotografía: Jean Peireto, Estudio Zumbi

Bailar dos barcos
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2018

Fotografía: Jean Peireto, Estudio Zumbi



Janelas
Caneta Bic Cristal sobre papel
Canson Layout 180 g/m²
59,4 x 42 cm
2018





Os Bichos

O convívio com o pesquisador e artista visual brasileiro Moisés Crivelaro, um ser humano pertinaz e instigante, tem me surpreendido. Podemos passar horas ouvindo esse artista e intelectual falando sobre algo do mundo cotidiano ou fazendo alguma reflexão sobre o universo platônico. Possivelmente seja dessa amplitude de campos de ação e pensamento que venha a potência que podemos fruir em seus desenhos.

Nesta exposição, Moisés oferece uma experiência única que nos leva a divagar sobre o universo dos híbridos, ou ainda sobre o fantástico e onírico. Obras que nos remetem ao realismo fantástico ou, se aprofundarmos nosso olhar, a um surrealismo arrebatador.

Os desenhos apresentados foram criados entre os anos de 2018 e 2023, num mundo quase que apocalíptico, quando um vírus mudou a experiência humana de viver no planeta Terra. Sinto reverberações dessa tensão nos Bichos de Moisés. Bichos que surgem do caminhar de uma caneta esferográfica no papel. Algo que poderia ser simples pouco a pouco transforma-se em híbridos complexos, instigantes e quase poéticos, principalmente quando o artista usa a policromia em múltiplas cores realistas e fantásticas simultaneamente.

Podemos imaginar que seus bichos passam por metamorfoses ou ainda por catarses nesse planeta pandêmico. Ou, ainda, que sejam liberações mentais do artista. Nunca saberemos! Como o próprio Moisés me declarou: "Vou mastigando, mastigando, até que estão prontos".

Não indico que tentem compreender as obras de Moisés, mas, sim, que se permitam ser arrebatados pela experiência visual proporcionada por seus desenhos.

Vanessa Cristina C. de Mendonça

Pesquisadora

Fotografia: Jean Pereira, Estúdio Tumbá



Dourado-Narigudo
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2021





Fotografía: Juan Peñero, Estudio 7mm3

Casuinx
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2022





Fotografía: Juan Peñero, Estudio Zumbis

Furuja
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2022



Fotografía: Juan Peñero, Estudio Zumbis

Microronte-Retriever
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2022

Ler não está dando a ler. A leitura torna-se função e a conexão às vezes não acontece. Na escrita poética, com a imagem que ocorreu, as palavras nos falam. Na leitura, forçamos ao sentido seu evento. Forçando a imagem à palavra. Forçar a criação já presente em nossas mentes a aparecer *transcria* para os outros. A passagem de uma mídia para outra ou *transmidialidade* é a ferramenta de transmissão de nossas primeiras histórias contadas com métodos ancestrais até hoje inimagináveis. A técnica, do ver ao saber (ver & ouvir, e comunicar) contido e relacionável, tem permitido à nossa memória um apagamento voluntário, mas também novas possibilidades em misturas anacrônicas e interespaiais. Efêmero dum presente atual batendo seu último esvoaçante, e híbrido não-humano é o resultado da mão dos possíveis.

A poesia também tem direito aos seus monstros. O poema é um Frankenstein que anda mais ou menos, fala mais ou menos, pensa mais ou menos. O poema, em suma e como parte da poesia, deve assim suscitar um pensamento para um além da poesia, participando de linguagens comuns e compartilhadas — por pousar onde? onde estou. Onde mundos podem formar mundos. “Importa quais mundos mudam mundos.”

A limitação aparente do uso único não é uma vocação para uma prática única e não inventiva. A produção de ferramentas acessíveis a todos, mas para um uso bem definido, é muitas vezes o ponto de partida para criadores que desejam se apropriar dos meios de produção dum capitalismo todo-politizante. Da caneta *Bic* já não escreveremos apenas os nossos exames de admissão à escola de arte, mas também o trabalho que nos terá permitido aceder a este exame. “Só a pureza dos meios manda na pureza das obras.” Por genealogia, criamos por sua vez nossos próprios espaços, dentro dum mundo que sabemos que não podemos controlar. Misturamos temporalidades, curto-circuitamo-las. A caneta *Bic* é uma ferramenta para criação massiva; sua proliferação incita a proliferação de ideias — impulsionadas pelas restrições impostas por seu estilo formal. “Ciência é a socialização, no mundo em que vivemos, de seres que até agora eram invisíveis — e que têm propriedades muito particulares. Pode domesticá-los, pode controlá-los, pode obrigá-los a fazer coisas (...)”

Proliferando, os desenhos-gravuras-colagens de Moisés Crivelaro convocam a vida com a ferramenta simbólica do necrotério. Não esquecemos quem somos. Sabemos do que fazemos parte. A própria arte tornou-se híbrida (“Multiplicam-se os artigos híbridos que delineiam tramas de ciência, política, economia, direito, religião, técnica, ficção.”; “(...) se trata de retórica, estratégia textual, escrita, contextualização e semiótica, mas de uma nova forma que se conecta ao mesmo tempo à natureza das coisas e ao contexto social, sem contudo reduzir-se nem a uma coisa nem a outra.”). A arte faz parte do sistema político capitalista de hibridação como, então, quase-objeto. A arte não nasce em instituições; aqueles a deformaram por apropriação — e, por nossa vez, num mundo de multidões, de quase-objetos em proliferação, devemos considerar a arte como tal: um poder, um ato com grande força política e relacional.

Ao perceber o futuro da arte (o seu já-aí) como um híbrido ou quase-objeto, somos levados a oferecer-lhe as soluções mais serenas num mundo inabitável. Conectando o que sabemos das espécies, reconhecemos ali o que ainda não nomeamos; é uma imaginação em pelo menos duas etapas que abre tal obra de hibridação. Os desenhos falam a nossa língua, mas numa ancestralidade que já não nos permitimos mais. “Porque todas as flores falam, cantam, mesmo aquelas que desenhámos. Não podemos desenhar uma flor, um pássaro enquanto permanecemos em silêncio.” Antigos grimórios nos ofereciam dragões de três cabeças, que varreríamos hoje de imediato em uma produção cultural imperialista e ultracodificada. Codificar o indecodificável é ainda codificar. O código no trabalho presente de Moisés Crivelaro não é para agregar ao mundo, mas para oferecer para análise nossos modelos de relacionamento ultrapassados. “Os relacionamentos são os menores padrões possíveis de análise; os parceiros e atores são seus [Eu não escrevi “menores unidades possíveis de análise” porque a palavra unidade nos leva a pensar erroneamente que existe um átomo último feito de relações diferenciais internas.]”

CoCo

Artista Anarquista

* com citações de G. Bachelard, D. Haraway, B. Latour, P. Reverdy, e pensando no último livro de Ailton Krenak, que eu ainda não li.





Fotografia: Jean Pires, Estúdio 7mm13

Onça-Pintelho
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2023



Fotografia: Jean Pires, Estúdio 7mm13

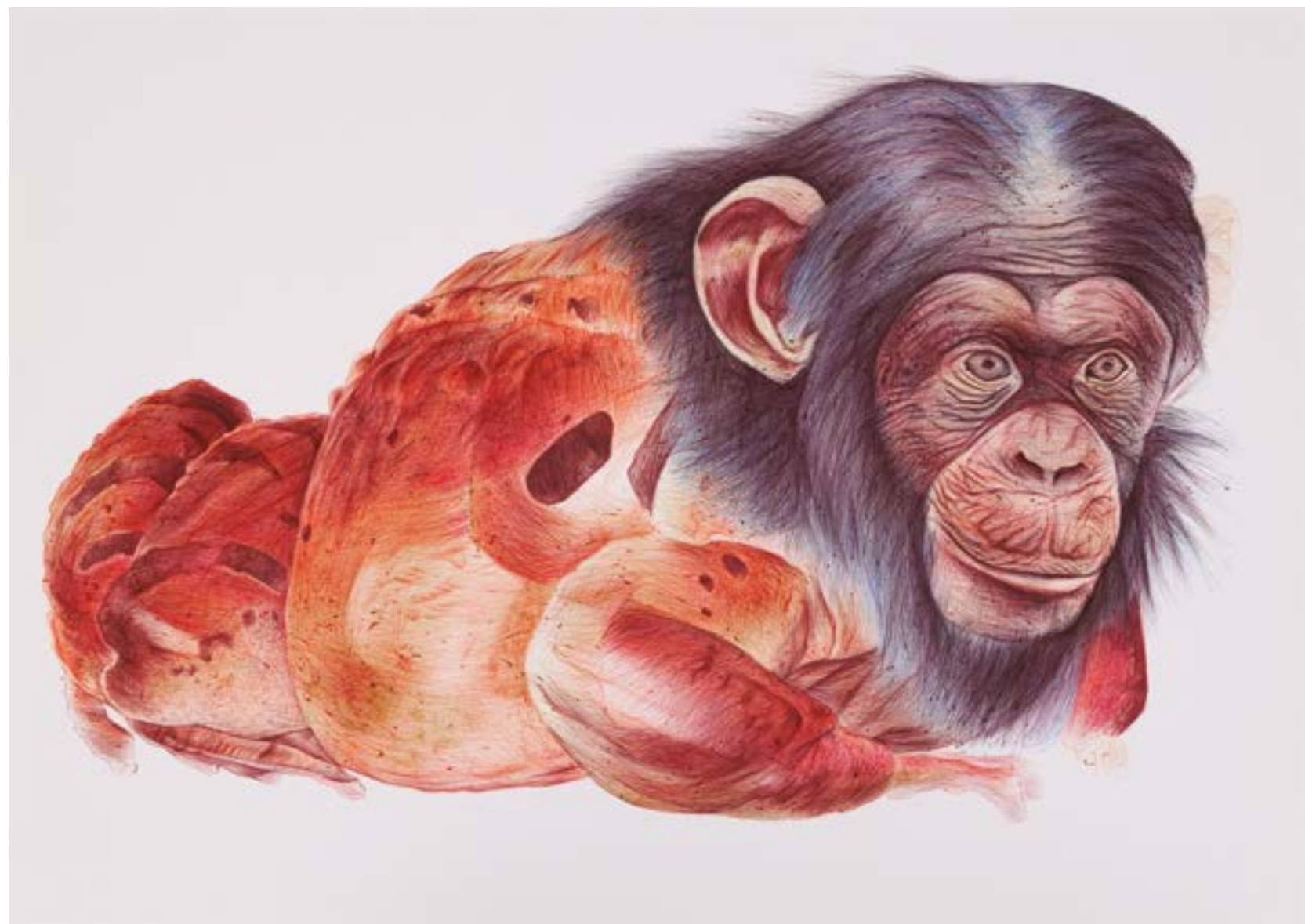
Javalosta
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2021



Fotografía: Juan Peñero, Estudio 7mm3

Babuinscher
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2021





Fotografia: Jean Peters, Estúdio 7mm5

Maçapo-Pãozinho
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2019

Fotografia: Jean Peters, Estúdio 7mm5



Marifinho
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2022

LAUDO PSICOLÓGICO

I. Identificação

Autora: Gabriela Cleto Andrade, psicóloga clínica.

Interessado: Gato sem pelo com concha.

Idade: 1 ano.

Cidade: Brasília, DF.

Assunto: Análise psicológica sobre a proteção e a exposição ao mundo.

II. Descrição da demanda

O gato sem pelo com concha mostra-nos a dualidade psíquica exigida para que possamos viver o mundo como nos é apresentado, nos mostra a dureza e a sensibilidade necessárias para se sentir a vida. A necessidade de sentir na pele o que a vida tem a nos oferecer, mas sem estar com a pele toda exposta. Ao mesmo tempo, a dureza da concha protetora é rígida demais para ficarmos apenas nela, pois essa dureza impede a expansão e o movimento necessários para se viver.

III. Procedimentos

A análise da imagem do gato sem pelos com concha, por meio do olhar da Psicologia Analítica Clássica, segundo Carl Jung (2000), tem como principal instrumento clínico a *função transcendente*, que representa a junção entre as matérias conscientes e inconscientes do sujeito. Não raramente, ambos não estão de acordo entre si, o que faz com que o inconsciente aja de forma compensatória ou complementar à consciência e vice-versa.

Por meio desta ótica, a pele exposta e a rigidez da concha apresentam pares compensatórios da psique, visto que um representa o polo de oposição ao outro.

IV. Análise

No processo de individuação, que busca a totalidade da psique, as vivências corporais possuem um papel essencial, visto que é com o corpo que se vivenciam relações num ambiente psicos-



Sphinxitão
Caneta Bic Cristal Fashion
sobre papel Canson Layout
180 g/m²
42 x 59,4 cm
2021

social, proporcionando certo grau de autonomia e interação entre o sujeito e o mundo. Ou seja, o sujeito torna-se ele mesmo quando está em contato com o mundo, por intermédio de um corpo. "São os fatos corporais que nos mantêm na vida real" (pág. 9) (RAUTER, 2018).

A pele exposta do gato sem pelos é uma grande representação do corpo exposto ao mundo, evidenciando a necessidade de ser afetado e tocado pelas vivências que lhe são apresentadas. Ao olharmos a concha que o gato sem pelos carrega, podemos associá-la a uma rigidez e a um ambiente e/ou comportamento confortável e seguro para o sujeito, mas também a uma introversão ao mundo interior e ao inconsciente psíquico.

Ambos juntos, na mesma imagem, evidenciam a totalidade da psique por meio da relação externa e interna que constituem o sujeito. A dureza e a sensibilidade, como polos opostos e complementares, nos preparam para sentir o que o mundo externo tem a nos oferecer de forma transcendente, por meio do equilíbrio de tais representações.

Quando é difícil para o gato sem pelos sentir, ele pode retornar ao ambiente da concha protetora, representado por um lugar seguro, de comportamentos já familiarizados. Quando esse retorno se torna patológico, ou seja, não há mais uma saída do gato de sua concha, ou não há mais a capacidade de suportar sentir em sua pele as vivências, tanto conscientes quanto inconscientes, ocorre então a regressão da persona.

A *restauração regressiva da persona*, segundo Jung (2012), acontece quando o ego se fecha em si mesmo, negando os conteúdos inconscientes e/ou algum evento traumático, paralisando a função transcendente, logo, o sujeito passa a viver uma vida muito inferior a sua real potencialidade e esvaziada de energia vital. Ou seja, vive uma vida fechado em sua concha, por sua pele não suportar mais sentir.

V. Conclusão

Com base nos dados levantados anteriormente, é possível constatar a necessidade da oposição entre o corpo sensível e a interiorização psíquica, juntamente com a proteção do sujeito ao mundo externo. Tais oposições nos permitem viver o mundo de forma mais fortalecida, nos permitindo sentir e nos movimentar quando preciso, mas também nos recolhermos, quando a pele ficar sensível demais ao mundo.

VI. Referências bibliográficas:

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 2000.
JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Editora Vozes, 24ª ed.: Petrópolis-RJ, 2012.
RAUTER, Raissa Volker. **A Relação do Sujeito Contemporâneo com o Corpo. Uma Reflexão à Luz da Psicologia Analítica**. Instituto Junguiano: Rio de Janeiro, 2018.

Curitiba, PR, abril de 2023.



Corpo de pássaro, cabeça de rinoceronte
Cabeça de arara, corpo de elefante
Metaplasmo de genes

Parentes distantes do ornitorrinco
do cavalo-marinho
da mula
do unicórnio
do grifo

Cabeça de macaco, corpo de peixe
Corpo de pássaro, cabeça de chipanzé
Simbiogênese

Mundo imaginário
Mundo imaginado
de criaturas de categorias esferográficas

Corpo de orangotango, cabeça de sapo
Cabeça de baleia, corpo de gato
Taxonomia do mágico

Na cadeia evolutiva:
elo perdido, possível, desconhecido
escavado na imaginação
ressuscitado à caneta

Cabeça de pássaro, corpo de gato

O híbrido
Engate resgatado
na sequência de mutações ancestrais
Evidência de curva possível
que a história não fez (?)
Trajetória biológica não confirmada
pelos sentidos tradicionais

Cabeça de polvo, corpo não sei de quê

O híbrido
Reinvenção da natureza
Reformulação das origens das espécies
Exercício naturalista heterodoxo
Oposto exato da extinção

Corpo de abelha, cabeça de leão-marinho
Cabeça de cachorro, corpo de besouro
DNA de sonhos

O híbrido que levará a explicações como:
aquela cabra criou asas porque queria ir
ao outro continente,
e o peixe, porque queria se mudar do mar

Cabeça de golfinho, asas de borboleta
Cabeça de rinoceronte, corpo de lagosta
Teriam essas criaturas hábitos crepuscu-
lares?

Sem registro fóssil, sem pegadas
Teriam origem em outras galáxias? Em
outras dimensões?
Em outras camadas terrestres, aéreas ou
aquáticas
imperceptíveis a olho nu?
Ou em uma para a qual ainda não se in-
ventou nome?

Cabeça de búfalo, corpo de sapo
Cabeça de onça, corpo de pássaro
Corpo de onça, cabeça de coelho
Corpo de sapo, cabeça de camelo

Aline Crivelari
Artista Visual





Fotografía: Juan Pineda, Estudio JumiTS

Esquilórnio
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2023



Fotografía: Juan Pineda, Estudio JumiTS

Te-Vi-da-Índia
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2021



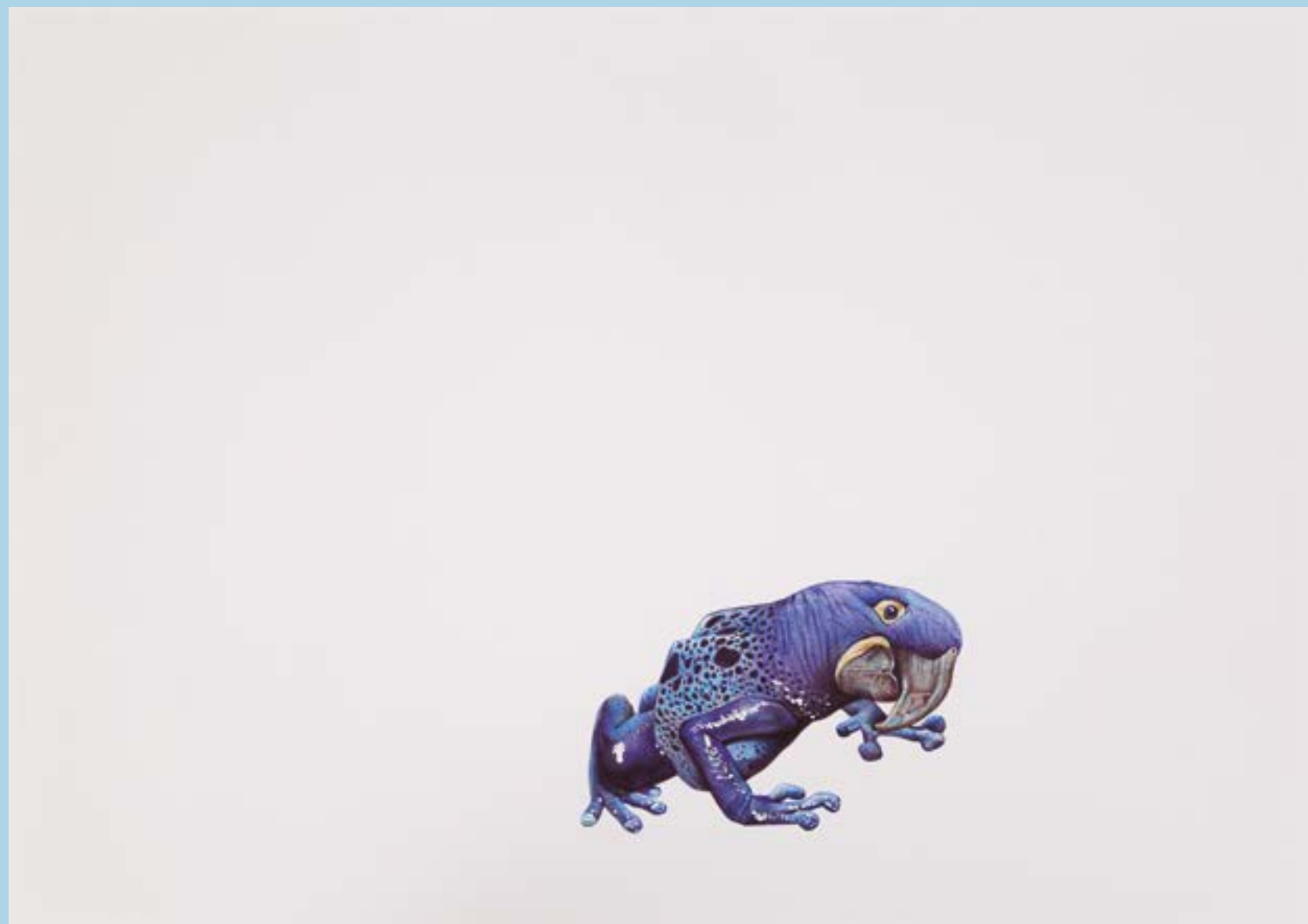
Fotografía: Juan Peñero, Estudio JumiE

Faisanaré
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2022



Fotografía: Juan Peñero, Estudio JumiE

Sapotango
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2021



Fotografia: Juan Puentes, Estudio Numa

Sapirinha Azul
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2020



Corpos absurdos, corpos invisíveis

Segundo Todorov (1981), o gênero fantástico pode ser definido como o estranhamento a partir do insólito. Ao citar a obra *O diabo apaixonado*, de Cazotte, Todorov localiza o romance no coração do fantástico. Na obra de Cazotte, o protagonista, Álvaro, desconfia que a mulher com que vive, Biondetta, é um ser maligno, talvez diabo ou um de seus seguidores. Quando finalmente pergunta o que é aquele ser, é surpreendido com a resposta: “Sou uma Sílfide (gênio do ar. mit. céltica e germânica), e uma das mais importantes...” (CAZOTE apud TODOROV, 1981 p.15). — Ora, mas sílfides existem? — pergunta-se o protagonista, instigando a questão também na leitora da obra. No mundo que conhecemos, não há diabos, gênios, vampiros ou sílfides que se expliquem pelas leis desse mundo familiar. Álvaro se pergunta então “o que tinha que imaginável em minha aventura? Tudo isto me parece um sonho, dizia-me, mas, acaso a vida humana é outra coisa? Sonho de maneira mais extraordinária que outros, isso é tudo. (...) Onde está o possível? Onde está o impossível?” (ibidem). Mais tarde no romance, Álvaro chega a ter relações com a mulher que talvez seja o diabo. E, ao contrário de alcançar alguma certeza sobre aquele ser, evocam-se ainda mais dúvidas. Teria Álvaro sonhado ou teria realmente acontecido? A ambiguidade entre o real e o ilusório, o sonho e a realidade perdura até o final da obra. Para Todorov (1981, p.15), “O fantástico ocupa o tempo desta incerteza”, prossegue o autor búlgaro, “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (ibidem, p.16).

Já em *Aminadab: O fantástico considerado como linguagem*, Jean-Paul Sartre, ao analisar as obras de Maurice Blanchot e Franz Kafka, apresenta uma nova visão da literatura fantástica, denominada por ele de fantástico contemporâneo. Para o filósofo francês, no fantástico contemporâneo não há surpresas dentro do espaço narrativo que se expliquem por leis sobrenaturais. O elemento insólito, presente desde o começo da narrativa, é incorporado de forma habitual, como se fizesse parte daquele mundo de forma natural. “Por mais extraordinários que sejam os eventos em que se veem enredados os seus personagens, eles não se deixam perturbar” (PORTO, 2019, p. 32936). Segundo o autor francês, o gênero domestica-se como resultado do esvaziamento da experiência humana a partir do século XX, que experimenta o absurdo da guerra em nível mundial, do caos político e do desencantamento com o positivismo científico, o qual, após a experiência nazista, demonstrou-se que, ao contrário de libertar o ser humano, era também outra forma de o exterminar. Desse modo, “nada de súcubos, nada de fantasmas, nada de fontes que choram — há apenas homens, e o criador do fantástico proclama que se identifica com o objeto fantástico. Para o homem contemporâneo,

o homem tornou-se uma maneira entre cem de refletir sua própria imagem” (SARTRE apud. PORTO, 2019, p.32937). Dessa forma, o fantástico contemporâneo localiza-se no absurdo, no apelo humano que anseia por razão “e o silêncio irracional do mundo” frente a esse apelo (CAMUS, 2018, p.39).

O trabalho de Moisés Crivelaro evoca o que o crítico Davi Arrigucci Júnior (apud. IEGELSKI, 2021, p. 2) chamou de “oscilação ambígua entre real e irreal em suas narrativas”, em referência às obras de Gabriel Garcia Márquez. Se, desde o célebre não-cachimbo de Magritte, está objetivo que essas imagens não são um *Javagosta*, uma *Giraformiga* ou um *Golfoleta*, para citar algumas das obras, seja pela ausência de referências na natureza, ou por essas referências estarem fora do lugar. Os traços realistas causam estranhamento, longe de retratarem a realidade, a invertem, recortam e colam em lugares outros. Convidando a novas significações, não apenas oníricas ou super-reais, mas significações de uma realidade maravilhosa, mágica ou fantástica. A primeira observação dos animais fantásticos de Crivelaro evoca os livros didáticos, a biologia e a evolução darwinista. Os animais partem uns dos outros, ligados a um território específico, ordenados por uma seleção natural de quem se adapta melhor a cada ambiente. Tudo classificado, cada um no seu lugar nos livros de biologia. Contudo, nas suas obras, Moisés Crivelaro faz uma desorigem das espécies, rompe com a natureza que não permite que animais de espécies diferentes gerem descendentes férteis. De certa forma, todos os animais de Crivelaro são mulas férteis.

Contudo, a obra de Moisés Crivelaro não vem para negar a biologia, mas para trazer questões sobre os corpos e seus territórios. Onde pertencem, como e onde podem circular. Sobre seres que após milhares de anos de evolução e progresso científico são obrigados a partir para outro lugar, seja por motivos da miséria, da guerra, da xenofobia, entre outros. É importante frisar o lugar de onde Crivelaro parte: ele é um artista do sul global, mais exatamente do Guará, região administrativa do Distrito Federal. Seus trabalhos evocam a vida longe do grande centro da tomada de decisões da capital brasileira. Seus animais híbridos evocam algo fora do lugar, que causa estranhamento, mas também evocam beleza. Tal qual a vida na periferia nos centros urbanos, uma vida de corpos fora dos lugares a que são destinados, mas que produzem a beleza de resistir à natureza criada pelo ser humano moderno e que nem por isso deixam de ser menos selvagens.

Em um segundo olhar, após os olhos se acostumarem com os corpos fora do contexto esperado pelos traços realistas do artista, as obras evocam o voyeurismo cruel do zoológico. O prazer do ser humano em observar os animais que não consegue ver soltos



na natureza pode ser lido como uma alegoria à espetacularização e à pornografia de pobreza dos programas de domingo. Entretanto, se para o fotógrafo amador citado em *Valsa com Bashir* pela professora Zahava Solomon, suportar a guerra passava pela leve dissociação de fingir estar vendo tudo pelas lentes de uma câmera, para Crivelaro o caminho é contrário. A forma impecável de seus traços realistas te convida para um olhar de estranhamento do que é comum, e para provocar muito mais do que acalantar. Para lembrar que embora haja “vários curiosos, olhando, é lógico” (RACIONAIS, MC’s, 2018) aqui “não é um zoológico” (ibidem) e “algumas vidas têm menos valor que um celular, ou um computador” (ibidem).

Se em *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, o narrador Marco Polo manipula a linguagem para dar vida a cidades, permitindo que a leitora consiga enxergá-las com perfeição, é por meio da visualização do outro fora do lugar esperado que Crivelaro propõe outras significações, não apenas das cidades, dos corpos e de seus territórios, mas também do espectador de sua obra. Um nome que surgiu para a exposição era *Possivelmente não daremos conta se não nos misturarmos*, e é impossível não associar ao final de Calvino em seu livro supracitado:

“O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.” (p. 71, 1990)

Seja pelo salto de fé no absurdo, seja pela análise detalhada de separação do joio do trigo no inferno, o fantástico de Crivelaro lembra a todos nós que a cidade só se sustenta pela presença humana, pelas narrativas que se faz dela e pelo encontro. Em uma cidade como Brasília, setorizada e planejada para que tudo esteja em seu lugar, a obra de Moisés Crivelaro nos lembra que, diante do absurdo da existência, não daremos conta se não nos misturarmos.

Roberto Lagarto
Quadrinista

Referências bibliográficas:

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Folha, 1990.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. 10 ed. Rio de Janeiro: Bes-tBolso, 2018.

IEGELSKI, Francine. *A história conceitual do realismo mágico - A busca pela modernidade e pelo tempo presente na América Latina*. Almanack, Guarulhos, n. 27, ep00121, 2021. <http://doi.org/10.1590/2236-463327ep00121>

PORTO, Sílvia Cristina Costa. *Botão-de-rosa: fantasmagorias e absurdismo no universo de Murilo Rubião*. Brazilian Journal of Development, Curitiba, vol. 5 No. 12, p.32934-32946, Dec. 2019. <https://doi.org/10.34117/bjdv5n12-350>

RACIONAIS MC's. *So-brevivendo no Inferno/Racionais MC's*. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Fotografia: Jean Pinheiro, Estúdio Jumbô



Cururila
Caneta Bic Cristal Fashion sobre papel Canson Layout 180 g/m² 42 x 59,4 cm 2021



Fotografia: Juan Puentes, Estúdio 7mm15

Lontrelha
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2021



Fotografia: Juan Puentes, Estúdio 7mm15

Sirionça
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2022



Fotografia: Juan Puentes, Estudio 70m13

Golfosa
Caneta Bic Cristal Fashion sobre
papel Canson Layout 180 g/m²
42 x 59,4 cm
2022

A partir do convite do Moisés, com a proposta de fazer uma *playlist* com músicas que os desenhos dos bichinhos me provocam e me trazem à mente, iniciei um processo imersivo por cerca de duas semanas.

Primeiro, observei os bichinhos, anotando termos como “feliz”, “tranquilidade”, “curioso”, “mistério”, “sapeca”. Com alguns, logo vinha à mente uma música específica, já outros me evocavam ritmos e gêneros musicais. Partindo desses termos, passei a escutar diversas bandas e artistas, pude revisitar discos que não escutava há muito tempo e experienciar a música de uma maneira diferente. Foi uma verdadeira “fritação”.

A todo momento que dava *play* em uma música, as imagens dos bichinhos eram evocadas, e eu imaginava qual som o bichinho faria. Qual seria o barulho do bater de suas asas, do seu caminhar, seu correr, pular? Conforme elegia uma música para cada bichinho, decidi que não repetiria bandas ou artistas, encontrei situações em que um disco inteiro ou várias músicas diferentes me lembravam o mesmo bichinho. Como no caso do bichinho que recebeu a música “Alma_The Voyage”, que poderia ser o disco todo ou até mesmo a discografia completa da Melody’s Echo Chamber.

Amei poder criar essa *playlist*. Foi uma nova maneira de pensar como a arte me afeta e afeta meu dia a dia, no que os desenhos dos bichinhos e as músicas me evocam, provocam, despertam. A quem escutar a *playlist*, espero que curta tanto quanto eu curti criá-la.

Lind Vieira
Artista Visual

PLAYLIST BICHINHOS by Lind Vieira

 ÍCARO - JOE SILHUETA	 FANNY DOG - TY SEGALL
 REZA FORTE - BAIANASYSTEM (FEAT. BNEGÃO)	 BEM-TE-VI - THE BAGGIOS (FEAT. CÉU)
 LOST IN A DREAM - 2814	 CONTINUUM - JERRY PAPER
 FIGHT AM FINISH - ANTIBALAS	 MOVEMENT 6 - FLOATING POINTS, PHAROAH SANDERS & THE LONDON SYMPHONY ORCHESTRA
 ALMA, THE VOYAGE - MELODY'S ECHO CHAMBER	 A CAMINHO DE - E A TERRA NUNCA ME PARECEU TÃO DISTANTE
 OLURMU DERSIN - ŞATELLITES (FEAT. VICKY ASHKENAZY)	 FRIDAY MORNING - KHUANGBIN
 FROG ROCK - SUPERCORDAS	 MONKEY MAN - THE SPECIALS

 DESCOLADINHA - LUÍSA E OS ALQUIMISTAS & JÉSSICA CAITANO	 ASI NO SE PUEDE MUCHACHES - ROMPERAYO
 TANGAZ SOUK ANON - MOUVMAN ALÉ	 BANDIDO CORAZÓN - NEY MATOGROSSO
 CHOCOLATE - ANA FRANGO ELÉTRICO	 DANÇA DO DIA - BANDA BLACK RIO
 MAJUPOSE - KIKABAKU MOYO	 CRAWLI - IDLES
 ZOXY - WINTER	 TERERÊ - APICULTORES CLANDESTINOS
 ILLUSION - AESPA	 GABRIELLA, RAINHA DA SELVA - THE RAULIS
 NATURAL - CHEESEMIND	 SHANGHAI - KING GIZZARD & THE LIZARD WIZARD
	 GANGSTA BOOGIE - MANO BROWN (FEAT. LINO KRIZZ)

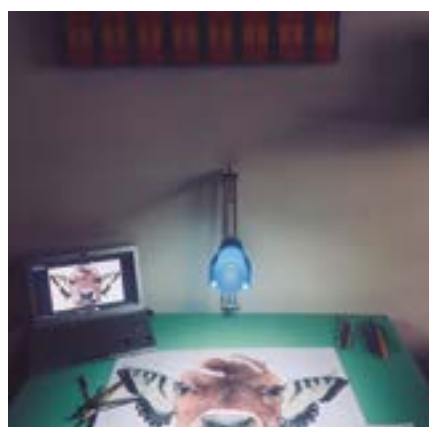


OUÇA A PLAYLIST

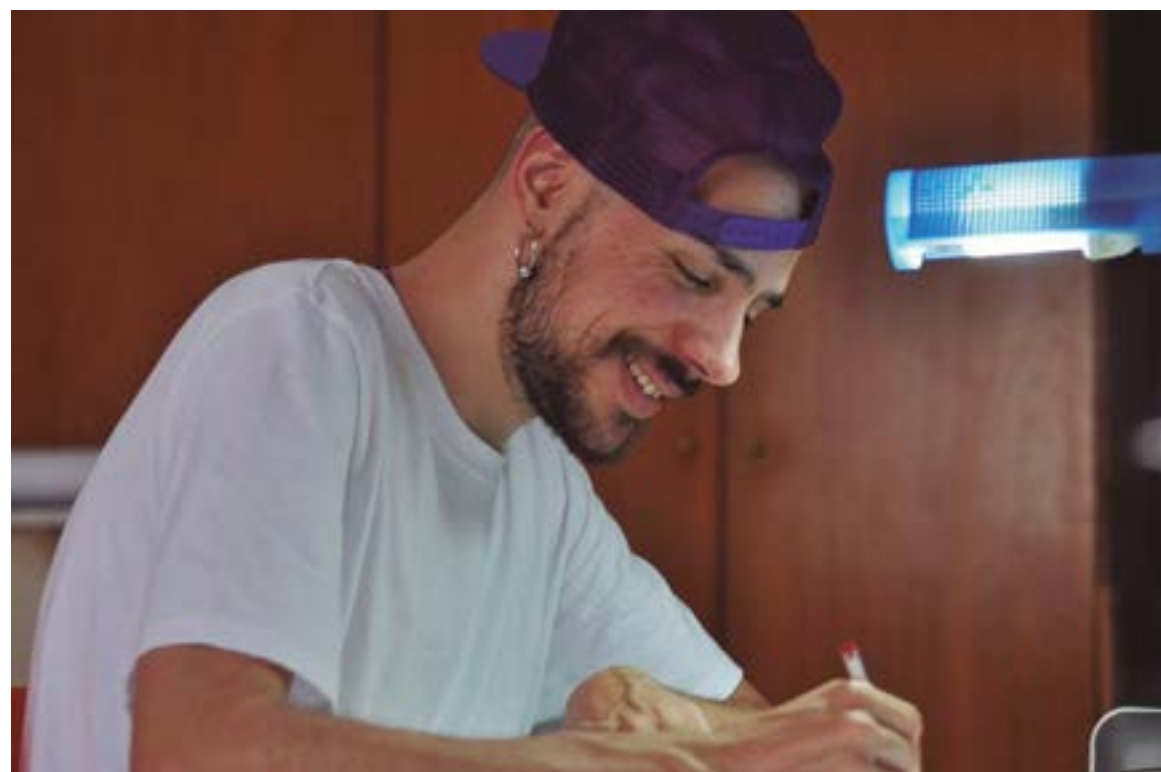


Moisés Crivelaro

Moisés Crivelaro é artista visual, professor de Artes, bacharel, mestre e doutorando em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB). Desde 2003, expõe em salões, mostras coletivas e individuais. Vive e produz na cidade do Guará, Distrito Federal. Trabalha com as linguagens de desenho, pintura, fotografia, escultura, instalação, vídeo e *sound art*.



Compartilha ambientes de ensino-aprendizagem na função de docente há vinte anos, tendo assim trabalhado em colégios particulares, cursinhos pré-vestibulares, escolas de desenho, pintura e fotografia, instituições privadas de ensino superior, e na própria UnB — sendo lá sua mais extensa janela de experiências como professor, no regime de educação a distância, presencial, substituto e voluntário.



Na exposição *Híbridos*, mostra pela primeira vez sua pesquisa a partir da linguagem do desenho, especificamente trabalhando com caneta esferográfica. Todos os desenhos foram produzidos entre 2017 e 2023.





**Visitação de 17 de abril a 18 de maio de 2023,
segunda a sexta, das 9h às 17h**

Espaço do Servidor | Anexo II | Câmara dos Deputados

CÂMARA DOS DEPUTADOS Mesa Diretora da Câmara dos Deputados | PRESIDENTE Arthur Lira (PP-AL) | 1º VICE-PRESIDENTE Marcos Pereira (REPUBLICANOS-SP) | 2º VICE-PRESIDENTE Sóstenes Cavalcante (PL-RJ) | 1º SECRETÁRIO Luciano Bivar (UNIÃO-PE) | 2º SECRETÁRIA Maria do Rosário (PT-RS) | 3º SECRETÁRIO Júlio Cesar (PSD-PI) | 4º SECRETÁRIO Lucio Mosquini (MDB-RO) | SUPLENTE Gilberto Nascimento (PSC-SP), Pompeo de Mattos (PDT-RS), Beto Pereira (PSDB-MS), André Ferreira (PL-PE)

Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados | SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL Jilmar Tatto (PT/SP) | SECRETÁRIO DE PARTICIPAÇÃO, INTERAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS Luciano Ducci (PSB/PR) | DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS Luis Otávio Veríssimo Teixeira | COORDENAÇÃO DE CERIMONIAL, EVENTOS E CULTURA Frederico Fonseca de Almeida | SUPERVISÃO DO CENTRO CULTURAL Isabel Flecha de Lima | COORDENAÇÃO DO PROJETO Cláuder Diniz | PRODUÇÃO Lucas Ramalho | REVISÃO Maria Amélia Elói | PROJETO GRÁFICO Jaqueline de Melo, Luérison Alves | MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO André Ventorim, Maurilio Magno, Paulo Titula, Wendel Fontenele | MATERIAL GRÁFICO Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Contato do artista

Moisés Crivelaro
moisescrivelaro@gmail.com
@moisescrivelaro
61 98418-3182

Informações: 0800 0 619 619 – cultural@camara.leg.br

Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados – Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF

<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, abril de 2023.





Centro Cultural
Secretaria de Comunicação Social